PROPRIETÁRIO Clube Cult. e Rec. de Carapito SEDE

Carapito - Aguiar da Beira DIRECTOR

Francisco Paixão da Cruz

REDACÇÃO E ADMINISTÃO Boda Quintinha Lote C - 8 10 E Povoa St. Adrião 2675 Odivelas



CARUSPINUS

jornal de Carapito

125 EX

30 00

IMPRESSÃO: COPIMATE - Campo Grande, 294- A 1700 LISBOA

ANO 2 N.9 JUN / 81

BIMESTRAL

Carapito Passado e Presente

Dentro do espírito que sempre tem presidido à linha traçada pelo nosso jornal, no sentido de valorizar e dar a conhecer os vários aspectos históricos e culturais de Carapito, aqui vão alguns dados da história, ainda recente, da nossa terra:

Estes dados referem-se ao ano de 1946.

Nesse ano, Carapito, ficava, nada mais nada menos, que a 16 Km de Aguiar da Bei-

ra, pois a única estrada exis tente era a que vai de Vilano vinha a Penaverde, aberta em 1926, sendo, por isso, necessário passar por esta última localidade, para se ir a Agui ar. A sua população era de 631 habitantes. Nela se incluiam-- imaginem! - 3 albardeiros o que nos leva a pensar que o número de burros era grande.

Havia também dois alfaiates e - pasmem novamente! tres carceiros. Os regaldes

eram gente de barba rija.

E é com muita alegria que registamos que um dos alfaiates e um dos barbeiros ainda estão e com saude, no meio de nós. São eles, respectivamente, o sr. Evaristo dos Santos e o sr. Viriato Baltazar Na altura, eram uns jovens, mas ja tinham ganho o direito a figurarem nas publicações da especialidade.

Mas também dos comercian tes de fazendas vemos ainda a sra. Maria Augusta Paula e o sr. Ascenso dos Santos Barra-

O Pároco era o sr. Abade Joaquim P. dos Santos Aragão.

cont.na

pag.2

Nos próximos dias 5 e 6 de | Setembro vai realizar-se em Ca rapito a festa anual do CCRC.

Dado que os objectivos do Clube pretendem servir todo o povo, também assim esta festa pretende ser a de todos os Carapitenses presentes e ausentes

O Clube da nossa terra deu ja os primeiros passos no cump primento de uma missão difícil mas dignificante para todos nos. Tres anos decorreram desde a sua fundação e varias ini ciativas foram ja tomadas sob o signo do CCRC.

Os dias 5 e 6 de Setembro serão mais um marco importante na vida do Clube. Contamos com eles para dinamizar os que ain da não se aperceberam dos nossos objectivos e motivações.

Sendo uma festa Clubista integrara, para alem des tradi cionais passatempos: baile, fo go, serviço de bar, bilão, etc, num conjunto de outras iniciativas tais como: provas despor tivas, uma peequena feira de objectos relativos ao clube, sorteios e um sem numero de ou tras surpresas.

Esperamos poder divertir, informar, incentivar! Não temos lucro como objectivo, mas sim a realização de bens sociais. No entanto, o esforço financeiro vai ser grande e as possibilidades são escassas.

Os lucros materiais, se os buver, serão destinadas à construção da nova sede.

Esperamos que cada Carapi tense sinta a necessidade de participar na sua festa, na fes ta dos que apostam em melhores condições de vida para a terra de todos nos.

Não vamos fazer peditorio mas serão aceites de bom grado todas as ofertas para o leiko e outros donativos com que, porventura, algem queira parti cipar.

Sobretudo, pedimos a presença fisica de todos os conterraneos pois, essa sim, e-nos indispensavel!

Também os ausentes poderão participar enviando à direcção do CCRC, a sua mensagem para a festa que sera lida perante a assistencia.



Esteja em Carapito nos dias 5 e 6 de Setembro! Junte--se a nos! Convide os, amigos para a nossa grandiosa festa!

Aproveitando para informar todos os que, pretendam pagar as suas quot;as ou oferecer donativos para a Sede, que haverá no recinto da festa, locais apropriados para o efeito.

A COMISSÃO DA FESTA

NOTICIAS = Colaboração de Josefina L. Marques

HASCERAM

-Agostinho José, filho de Maria de Lurdes C.Figueiredo e António Casimiro Dias dos Santos.

-Ana Patricia, filha de Isabel Maria e Bernardino Morgado.

-Também nasceu uma rapariga aos nossos leitores e ami gos Maria Amélia dos Reis Caseiro e Dr. Mário. Desconhe cemos o seu nome.

O Largo da Praça já está completamente empedrado,o que dá um aspecto diferente à nossa sala de visitas.

A Carreira de Baixo parece uma Avenida, procedendo -se, neste momento, aos últimos arranjos nas ruas laterais.

Seguir-se-á a Carreira de Cima entre o Terreiro e a Praça.

Todos os nossos conterrâneos estão satisfeitos com o esforço feito pela Câmara com a ajuda da Junta de Freguesia, apesar de uma ou outra discordância relati vamente a alguns pormenores, nomeadamente, no que diz respeito a alinhamentos e passagens estreitas. Parece que Marques de Pombal só houve um.

Começaram as férias. Daqui para a frente vão chegando a Carapito de todas as partes de Portugal e de todo o mundo os filhos queridos de Carapito, para ma tarem saudades junto dos seus.

Também nos esperamos encontrar lá alguns quando

gozarmos as nossas férias.

CARUSPINUS não pode deixar de desejar a todos os Carapitenses que venham à sua terra, ou fiquem por outras paragens, que as férias sejam longas, que des cansem e gozem, preparando-se para mais um ano de trabalho, sacrificio, canseira e afastamento.

A todos boas férias e boa viagem.

Embora a partir de meados de Junho o tempo tenha refrescado um pouco, Carapito sofreu também os efeitos do intenso calor que se abateu sobre Portugal, tendo chegado a atingir 43 graus.

As regas começaram mais codo, mas, por enquanto, ainda há muita água nos poços. Os lameiros ainda têm ¿gua e nos ribeiros ainda corre com uma certa abundancia o que, de momento, nos dá uma certa esperança de que o ano agrícola poderá não ser muito mau.

DOENTES

THE PARTY

-Encontra-se ainda gravemente doente a nossa conterrânea D. Augusta, esposa do Sr. Manuel Caetano, residentes em Lasboa.

-Em Cararito continua também gravemente doente a D. Maria Faustina, esposa do Sr. Daniel Lopes. Este também tem passado um pouco mal nos últimos tempos. A todos deseja CARUSPINUS rápidas melhoras.

Já durante a montagem deste jornal, recebemos a noticia de que se encontra internado num hospital de Lisboa o nosso conterrâneo António Cesar Dias, com uma grave infecção num pé. cxalá que o seu restabelecimento seja breve e sem consequências desagradaveis. São os votos de CARUSPINUS.

ACIDENTES

Em virtude de ter dado uma queda em sua casa, partiu uma perna a srª. Augusta Paula. Encontra-se internada no Hospital de Viseu.

Sofreu também um acidente, a Sra Cecília Paula Dias, quando o atrela do de um tractor lhe caiu sobre a perna esquerda. Desconhece-se a gra vidade das lesoes, sabendo-se que regista melhoras. Lembramos que, co mo noticiamos acima, sua mae partiu também uma perna poucos dias antes.

Igualmente sofreu um acidente de motorizada o Maximiano Seara Paixão desconhecendo também as suas conse-

A todos rápidas melhoras.

FALECERAM

Caruspinus regra geral tem-se li mitado, felizmente, a dar boas notí cias aos nossos leitores. Agora, por rém, é com muito pesar que noticiamos o passamento da Srs D. Virginia, mae do nosso amigo e assinante Virgilio Augusto Caseiro. O funeral re alizou-se no dia 30 de Junho em Carapito.

Caruspinus apresenta à família enlutada os mais sentidos pesames.

PAPEIRA EM CARAPITO

As crianças de Carapito têm vindo a ser atacadas de Trasorelho ou papeira. Segundo notícias que nos chegam, nao se vêem garotos na rua. Alguns já foram ao médico mais do que uma vez, mas não há nenhum caso

que possa considerar-se grave. Já havia bastantes anos que essa doença nao se manifestava com tanta

força.

carapito

(cont.da pág 1)

E.o regedor, hoje na casa dos sessenta, naquela altura, ape sar de ser jovem já tinha sobre os ombros uma pesada responsabilidade: o sr. José Nunes da Cruz Vaz.

Por fim, podemos infor-mar que a nível de consumo de álcool, a média ainda deve ser a mesma, uma vez que o número de tabernas é o mesmo, embora uma tenha sido elevada à cate goria de café. Das existentes na altura, mantêm-se duas: a da Praça e a da Berberica.

Gostaram? Ainda bem.

A. BOGALHO MARQUES

FIGURAS DA NOSSA TERRA

Apesar do bulício da tarde a calma transparecia nos tra ços profundos marcados na cara sólida, mesmo austera de outro homem. O ti' Vendeiro segurava no canto da boca o filtro e pou co mais, do cigarro quase apagado, que algém cumprimentando -o lhe oferecera. Nasceu em 1901. Há muito que o cabelo es tava branco e para que o sol não brilhasse e tostasse a cabeça lá estava o chapéu, já gas to, a cobrir necessidades. Obi gode, embora aparado, amaralava com o vício do cigarrito junto da boca. Morenas, compridas e rugosas, as mãos sobrepunham--se, segurando a bengala que servia de encosto ao queixo na meditação do homem sentado. A voz era forte, muito viva e di zia:

- "Em princípio estive a servir com o sr. Paixão Velho, durante cinco anos, foi quem me ensinou a trabalhar, pois eu só sabia guardar ovelhas. Ganha va 20\$00 por mês, dois anos depois 40\$00 e dáí não passei. Dois tostões a cavar com uma "inchada" de manhã "inté" noite que davam p'ra dois pães. Um pão centeio custava um tostão, hoje 30\$00, mas "tá" melhor. Quem é que hoje não pode viver?"

"Fui p'ra tropa em vinte e dois, p'ra Pinhel. Casei-me com a Maria Augusta aos 26 anos; ela tinha menos dois, viveu sempre co'a mãe até que se casou, o pai esteve no Brasil muito tem po".

Para cortar o monólogo per guntei:

- Como sua mulher, acha que ela o ajudou sempre?

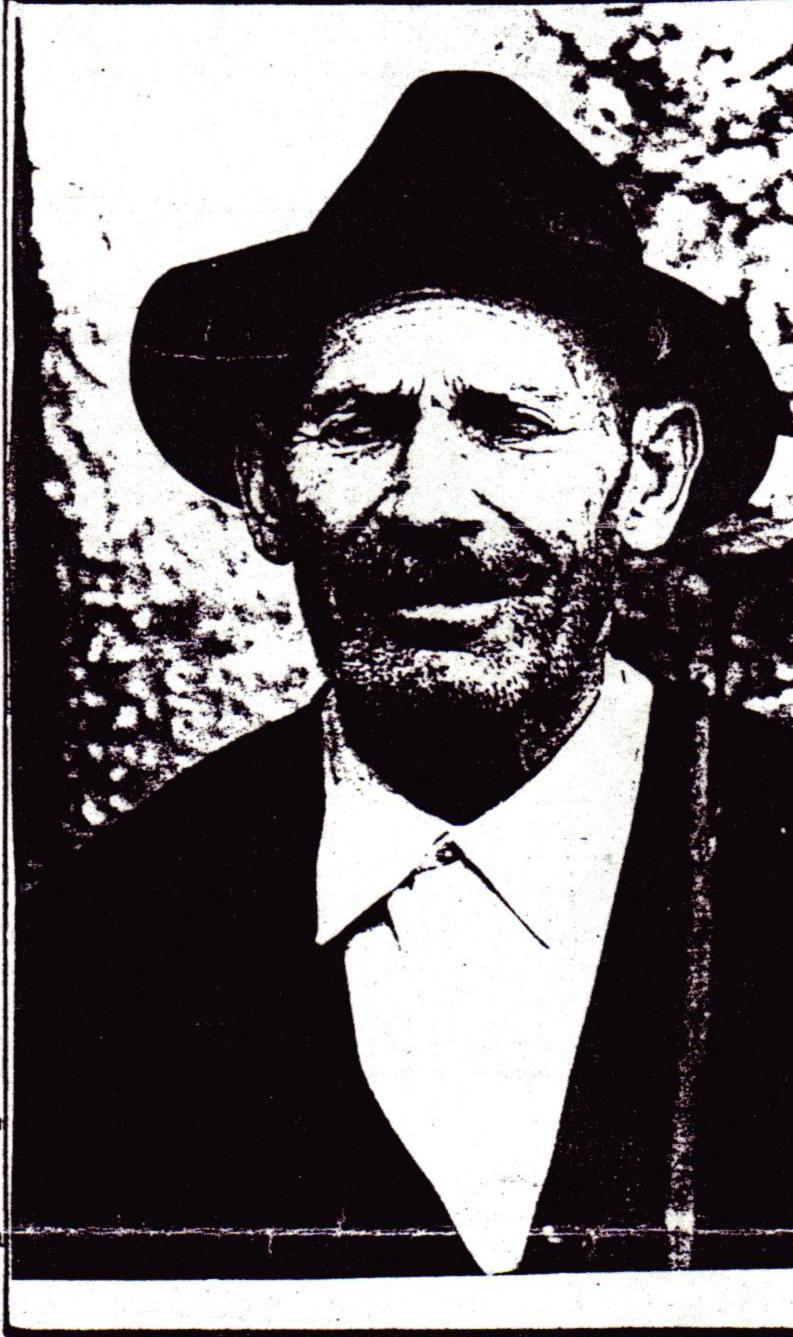
- Muito! Muito bem!... Es tive um ano tolhido e ela é que me metia a comida na boca. Nun ca tivemos a mais leve! Olhe que nunca foi preciso chegar-lhe um mosquete. Mas muitos andavam dia e noite, ganhavam o tostão e iam bebê-lo p'ra ta berna, enquanto os filhos fica vam a apalpar a barriga. Não havia dinheiro e era pouca a gente que o dava a ganhar.

- Sei que foi sacristão e

coveiro, quanto tempo?

- Fui coveiro durante 42 anos, acabei em 1979. Ninguém

UM HOMEM . UMA VIDA



queria fazer o serviço, um ano era um, outro ano era outro. Eram fidalgos! Ganhava 10\$00 por cada cova que abria e até à pou co tempo eram 30\$00. Agora são mil paus. Os que eu enterrei de graça? Aos pobres não levava na da e aos ricos levava mais algu ma coisa. Tinha pouca sorte, mor riam mais pobres que ricos, estes alimentavam-se melhor! No tempo de maior calor, em Setem bro, morriam as crianças aos pa res. O sino estava sempre a tocar. Antes, embrulhavam os bebés num cobertor velho ou num trapo. Hoje, "inda" nem saben. que tem a criança, já andam atrás do médico p'ra lhes apalpar a barriga!

Rimo-nos os dois, não sei porquê, mas apeteceu-nos e foi a única vez.

"veze". Estava a abrir a cova
muito bem e "cando" mal me descuidava caía-me a terra em cima.
Aliviava uma perna, aliviava ou
tra, até que saía cá p'ra fora.
Custou-me "interrar" os meus ir
mãos, a minha tia, o meu genro.
Fiz um contrato aqui com o Car
valho, ele enterrava a minha fa
mília e eu enterrava a dele. Ele
enterrou a minha, eu enterrei a
mulher dele. "- E virou-se para
o amigo:

- "Agora estamos ambos na mesma coisa: Tu estás cego, eu estou cego. Tu estás mouco eu também estou mouco. Coxos, ambos dois. Ora porra p'ra pouca sorte! "Passemos" tanta fome... tanta fome. Lembram-se lá dos tempos que nós "passemos"?"

- Qem Responde?

- "Tem dinheiro e quem tem saúde é feliz! Agora chega-se a velho, quando se podia viver tem e acaba-se o resto". O resto dequê? Da vida? Não seria mais jus to chamarmos-lhe o começo, ja que ela foi impossível de ser vivida?

- O meu pai era Francisco Figueiredo e minha mãe Antónia de Jesus, ele morreu de 76 anos e ela de 72 ou 73.

- Tenho dois filhos, netos e bisnetos. Nunca fui a Tribunal. Nunca dei uma bofetada e nunca a levei. Gostei sempre de viver com toda a gente. A fu-

mar?... Comecei há muito tempo.
Não me faz mal nenhum, até me
distrai. O Carvalho dá-me um a
mim, eu dou-lhe outro a el. e
assim passamos o tempo.

António Augusto Figueiredo de Jesus, não via a mão amíga que lhe estendia o cigarro, não ouvia a voz da amizade. Estava paralizado no tempo recordando num sonho o passa do, morria de saudades que não tinha, de ilu sões que não vivera e era agora aquela estátua de pedra, tão du ra e tão fria como na que estava sentado, olimando o mundo de amanhã que ajudou a construir.

ZÉ PAIXÃO

MAQUINAS

COMPRESSORES

CASEIRO & CASEIRO &

GRUAS

SNACK-BAR

CERVEJARIA

churrasquaira

CASA FONSE: A

VENDEMOS PARA FORA

AY MIGHEL BOMBARDA 18 QUELUZ

TELEF BALLAS

* CARAPITO * TELEFONE: 57126 * 3570 AGUIAR DA BEIRA *

aventuras

da caça

uma homenagem

Recordo aqui os bons caçadores que existiram na nossa Terra. Bons, porque possuiam to do o engenho e arte ao praticarem o desporto devSanto Huberto, e que eles herdaram de uma remo ta ancestralidade com raízes pré-históricas, nos duros tempos em que o homem para sobreviver tinha de saber, acima de tudo, ser bom caçador.

Pois eu conheci caçadores assim, dos pés à cabeça, numa asserção de auto-suficiencia e de auto-sobrevivência.

Alguns deles sonhavam com o fantástico de virem a possuir uma boa espingarda, uma daquelas que eles viam nas mãos de uns senhores da cidade e que eram um deslumbramento para a sua vista.

Mas tal não passava de um mero sonho, pois acabavam por constatar que teriam de continuar com o velho arcabuz de canos "tuchados", de carregar pela boca. Mas nem por isso deixa vam de ser excelentes atiradores, matando pela certa, porque recarregar era moroso e o segun do tiro era sempre o último recurso. E era digno de se ver o curioso ritual que constituia a tarefa de carregar uma destas primitivas armas.

Logo à partida, os apetrechos e a "bagage" diferiam muito dos actuais. Era o polvorinho once se guardava em seguran
ça a pól vora negra ou bombardel
ra, especie de terra negra que,
ao inflamar-se (se se inflamava)
deitava mais fumo que a chaminé
de uma fábrica. Era também o
chumbaril onde se transportava,
evidentemente, o chumbo e as ve
zes bocados de metal quando a
isso obrigava a escassez de niquéis e não havia fundos para
comprar o nº. 5.

Tais bolsas transportadoras eram fabrica das de chifre, de pele, de made tra, etc. e tan tas vezes manufacturadas pelo próprio caçador.

As escorvas, que hoje dão pelo nome finório de fulminantes, essas iam numa pequena cavidade aberta na coronha do próprio canhangulo, fechada com uma tampa de mola.

As buchas, que eram feitas no momento do atalque, eram pre paradas a partir de feltro de chapéus velhos ou de simples papel de jornal. Alguns destes hábeis caça dores tiveram eles próprios de "inventar" a sua fiel alfaia de caça, construindo-a a partir dos modestos materiais que tinham ao seu alcance.

Lembro-me, com uma ponta de saudade e de respeito, o Se nhor Angelo que, além de bom caçador, era um verdadeiro técnico que desempanava e concertava certas e pequenas avarias das caçadeiras dos demais caça dores.

E isto, sem nunca ter tido outro mestre que o rodar da ex periência, da sua velha aprendizagem do dia a dia nas suas andanças venatórias.

Era de facto um verdadeiro mestre da arte de caçar, já
pelo seu perfeito conhecimento
do terreno, já porque conhecia
e usava toda uma tecnica: de
busca, de camuflagem, de silên
cio, de ardis, sem esquecer o
vulgar espelho de bolso que
lhe permitia ver os coelhos nos
lugares mais escuros.

Conhecia igualmente a velha ciência dos hábitos dos animais bravios, detectando-os pelo rasto, pelos excrementos, pela cama, pelos vestígios mais diversos (pelos, penas, esgravatadelas, ruidos, restos de alimentos, etc.).



Era hábil, arguto, instintivo, sabedor, atlético, estudioso, bom observador, asceta chofrista.

Em suma, possuia as múlti plas e complexas qualidades ne cessárias a um caçador de ele<u>l</u> ção.

Um outro caçador, que não poderia ficar no esquecimento nesta romagem de recordações, já pela sua grande classe de atirador, já pela sua eficiente acção contra essa grande predadora que é a raposa, é o senhor António Dias, conhecido por António Barroco e de que ainda alguns dos nossos leitores se recordam.

E quem não se lembra da Pinóia, aquela que muitas vezes ganhou o quarto de trigo com marmelada.

Mas outras qualidades poderiamos referir a tão esforça dos caçadores, como por exemplo, a fina habilidade para usar os chamarizes ou os reclames, com que se atraiem as presas que se pretendem capturar, como também a delicada técnica da utilização das negaças. E a rara intuição para preparar o cão de caça? Sim, não são muitos os que a possuem, transformando qualquer cachorro, num excelente batedor, perseguidor, buscador, pistoleiro, companheiro, colaborador, "parador" ou fiel amigo.

Infelizmente que, todo o desporto como toda a moeda, tem o seu reverso. E o salutar pas satempo cinegético, também aparecem os que pisam o risco das regras do jogo venatório, que devem ser respeitadas, principalmente para que a caça também tenha a sua chance na luta pela sobrevivência, sem o que as espécies bravias chegarão ao extermínio.

Estas considerações trazem -nos à lembrança uma engraçada facécia que até tem a curiosida de de não ser anedota, mas sim facto vivido.

Trata-se de 3 amigos que planearam na véspera do dia grande de Santo Huberto, ou se ja, no da abertura da caça, irem matar um coelho para a merenda.

Se o melhor pensaram, melhor o foram por em prática, equipando-se a estilo e partindo para os campos à procura dos láparos distraídos. Só que, mal chegados à área escolhida para a malandrice, viram-se cercados pela GNR. Dois deles, conseguiram passar as malhas da fiscalização, o que não evitou que tivessem de vir a pagar a factura da transgressão, ja que foram vistos e reconhecidos. Ora um destes ágeis prevaricadores, conseguiu alcançar a casa e "ensinar" o recado ao filho, an tes de aparecer a Guarda, isto para o caso de os agentes lhe virem bater à porta como realmente veio a suceder.

De facto, o soldado da GNR, dirigindo-se ao garoto, fi lho do nosso herói, disparou-lhe a pergunta: "Olha lá oh menino, onde está o teu pai?" Ao que o obediente informador, retorquiu: "O meu pai foi ao casal do monte levar umas cal-cas"!

Então o interlocutor representante da Lei, rematou cheio de ironia: "Mas que belo par de calças que o teu pai foi arranjar!

ERNESTO SANTOS

"CARUSPINUS" (LISBOA) 39 ENCONTRO

Mais uma vez se realizou, na Mata de S. Domingos de Benfica, a tradicional confraternização dos carapitenses que mourejam pelas bandas da Capital. Apesar de se terem enviado participações a 60 familias, nem 20 chegaram a comparecer! Em todo o caso, como algumas são numerosas, ainda se juntaram cerca de 100 pessoas, que, não sendo muitas, são das "fixes".

O tempo estava magnifico e a greve dos comboios proporcionou um maior sossego naquele local aprazível e arborizado. Mas passemos ao "es-

pectáculo":







1º ACTO

OS FARNEIS - As mantas e as toalhas estendem-se sobre as ervas. Dos sacos e cestos começam a sair os pastelinhos do (in)fiel amigo, rissóis,filetes, bifinhos e chouriças. Quanto a líquidos, são as garrafas de águas e sumos e variados "verdascos", que cedo começam a animar os mais apreciadores. Desta vez, havia um pipo dele ofereci-do pelo Chico "Russo".

As 14 horas, estava-se no auge da almoçarada e o Bernardino não aparecia... até que o director do "CARUSPINUS" resolve ir "rebocá-lo", a Queluz. Foi uma alegria a sua chegada, sublinhada com

calorosa salva de palmas.

OS ESCLARECIMENTOS - No sempre necessário diálogo entre o director, redactores e assinantes do "CARUSPINUS", falou-se sobre os elevados custos do jornal - cerca de 30\$00 cada. Havia duas propostas a apresentar. Uma (A) que propunha o aumento das assinaturas para mais 50\$00/ano. Oumero de la composição de la tra (B) que levaria à publicação trimestral.

Por maioria, decidiram os assinantes presentes que se continuasse com a saída de 2 em 2 meses, pois as notícias não saiem tão desactualizadas e o aumento aprovado não irá afectar muito as suas bolsas. Com tal decisão e com a entrada de novos assinantes, provou-se que o jornal é bem aceite e é um elo de ligação átil entre todos os que têm o cordão umbilical ligado a Carapito e se espalham por esse Mundo fora.

3º ACTO

LEILÃO (SUA EXCELENCIA - O PRESUNTO!)

Foram muitas as ofertas para leiloar. Desde o galo de Barcelos ao bem curado presunto que veio dos lados da Amadora e chegou a render quase 3contos! Mas as bolas, coscoréis, chouricas, sal-picões e vinhos fizeram subir a "parada" para números engraçados, se atendermos a que, quem o fereceu, também acabou por fazer despesa suplementar, ao rematar.

Já está em 100...150...200...250...300...35 ... 400 ESCUDOS! 400 ESCUDOS...uma! 400 Eş.CUDOS...duas! 400 ESCUDOS..."trrres"!!

E o Ernesto do Tio Evaristo (que continua com um jeitão para estas coisas...) acaba por voltar a leiloar mais 3 vezes uma garrafa de "Porto", que renderia a bonita soma de 1.500\$0() !!...

4º ACTO

SORTEIO - As crianças foram as "maiores" ao venderem muitas rifas para um sorteio, que englobava um transistor, garrafas de vinho es um coador. São sempre momentos de expectativa e esperança que, para a maioria, acabam no habitual desabafo: "não tenho sorte nenhuma"!... Mas nunca é de desanimar, porque a pequena receit: a vai fazer com que o "CARUSPINUS" se aguente nass "canelas" e suporte melhor a inflacção do papel e tinta.

(cont. na pag.6)

CARUSPINUS

DE TODOS! PRECISA

MALHA DO CENTEIO

No fim das ceifas, por altura do S.Bartolomeu, realizavam-se as malhas. A nossa terra produzia muito centeio e algum trigo. Ainda não tinham aparecido os motores de rega, nem os tubos de plás tico e, muito menos, os sistemas de rega por aspersão. Por isso, a batata era cultivada apenas nos terrenos mais húmidos ou onde se pudesse regar com os engenhos ou com os picanços. Por esses motivos, as encostas das serras e a maioria dos terrenos da folha, ape nas produziam centeio e, num caso ou outro, milho e frades. Todas culturas pobres, mas que sustenta ram milhares e milhares de carapi tenses ao longo de muitas geraço-

Alguns dias antes de se inicia rem as malhas, de madrugada até altas horas da noite, os carros de vacas puxados pelas famosas e possantes vacas do Jarmelo, percorriam os tortuosos caminhos de Carapito, da Serra e da Folha até às "lajas" dos Castanheiros do Ga go, do Calvário ou da Laja Grande.

As medas do centeio eram alinhadas em volta da eira, formando um grande circo, assemelhando-se a grandes palhotas de uma sanzála africana.

No dia da malha, ou no dia anterior, era assentada a malhadeira. Mais afastado, era colocado o grande motor a gasóleo, ligado àquela por uma correia de lona.

Mais longe, fora da eira e de preferência num sítio um pouco elevado, estava a erguedeira. Quando estava tudo a postos fa

ziam-se as primeiras tentativas para por em marcha aquele monstro de força. Depois, lá arrancava e a velha malhadeira pintada de vermelho berrante, abanava por todos os lados.E, ao longe, por entre u ma fina nuvem de pó, começavam a ouvir-se os seus grunhidos roucos.
-Vrron:!Vrrom!Vrrom!

Era o ruído provocado pelo seu grande cilindro interior, quando as suas laminas de aço apertavam o centeio contra as paredes de ma deira.

Molho atras de molho, o centei o era tragado sem cessar, por aquela máquina impiedosa.

Um homem apaithava a palha à bo ca daquela, formando braçadas que colocava atrás de si, nos vencilhos dos atadores. Estes, em núme ro de dois ou três, atavam as "fa chas" da palha e carregavam com elas os miúdos mais pequenos que, descalços, faziam autênticas corridas entre a eira e os "carreiros" da palha, recebendo como pré mio, apenas uma palavra de animo ou incitamento.

Por vezes, em vez de ser atada, a palha era colocada em grandes palheiros redondos. Nesses casos, os rapazes levavam-na às costas, segurando-a com cordas ou venci lhos de três pernas. E era de admirar a sua agilidade, subindo pe la escada de madeira, sem se agar rarem com as maos, enquanto dois ou três homens iam colocando e travando a palha para não escorre gar, nem deixar o palheiro torto. E todos gostavam de admirar um pa lheiro bem feito.

Na saída do grao, estava sempre colocado outro homem, que ia enchendo baldes e cestas. Estes e ram levados à cabeça pelas mulheres até à erguedeira. Enquanto do is rapazes ainda novos se revezavam, na manivela, havia sempre um ou dois homens que zelavam pela limpeza do grao e pela sua entrada nos sacos. Estes eram acomodados num monte, para depois serem transportados nos carros e despejados nas arcas de madeira de cas tanheiro.

Na "laja", debaixo de um calor escaldante, continuava a azáfama. A máquina continuava a engolir centeio e a vomitar palha, qual romano em dia de grande banquete.

Por entre o apanhador e os ata dores da palha andavam uns apanhan do com encinhos, restos middos da palha, os "coanhos", enquanto que u ma ou duas mulheres iam varrendo um ou outro grao transviado.

De quando em vez, o garrafao eu a cântara da água fresca, davam a volta, molhando as gargantas secas e cheias de pó da palha.

A meda ia baixando, à medida que os homens colocavam os molhos de centeio na lingua daquela boca gulosa.

A hora da merenda, tudo parava Chegavam três ou quatro mulheres, com grandes cestos de comida.Debaixo de um castanheiro, estendi-am-se as grandes e alvas toalhas de linho.

Salam dos cestos grandes tachos de alumínio ou panelas de barro vermelho com batatas guisadas com bacalhau e com arroz.Distribuiam--se os pratos pela mesa ou, então,

comiam em grupos de um mesmo tacho, "apeguilhando" com azeitonas e pao. Na mesa aparecia também queljo de vaca ou de ovelha, pre-sunto e chouriço. Mas a refeição completava-se com arroz-doce.

A mesa, entre grandes e pequenos, chegavam a juntar-se sessenta ou setenta pessoas. A malha,co mo a ceifa e a matação era um dia em que se juntava toda a família. E era assim nos tempos que já

lá vao ...

A. Bogalho Marques

MEDIDAS DE URGÊNCIA

Numa altura em que se tomam medidas enérgicas contra os motoristas inábeis, recordemos que foi na América que se aplicou a primeira multa por excesso de ve locidade em automóvel.

Isto passou-se em 1892.Considerava-se, na época, que andar a 25 quilômetros à hora era perfei tamente temerário.

Este facto, explica que um · guarda da policia não experimentasse nenhuma dificuldade em apanhar o infractor, lançando, ele próprio, a uma velocidade lou ca ...a sua bicicleta!

39 ENCONTRO

"CARUSPINUS" (7.6.81)



o fado

(cont da pag.5)

5º ACTO

O BAILARICO - Ja eram perto de 18 horas, quando a D.Augusta da Barbara começou a "pular". Novos e menos novos, a pesar das árvores e do chão pou-co plano, lá iam dando ao "chinelo", enquanto o Morgado, que bet eu a água da Fonte Nova, mexia os dedos sobre o te clado do seu mágico acórdeão.

A alegria espelhava-se nos rostos. O pipo do Chico e as garra fas iam-se esvaziando. Nova consulta aos cabazes e eles ainda davam resposta. Puderal... È que: os bons carapitenses, por menos abastados que s ejam, costumam cozinhar para a família e para os: amigos, de forma que há para comer, oferecer () sobrar...

CONCLUSÃO - Ao afastar-me, fi-lo com saudade, mas abalei satisfeito por ver que estes encontros es-tão a produzir os belos frutos de uma camaradagem să, de uma alegria contagiante e de uma fraternidade exemplar, que nem sempre se consegue na nossa pequena aldeia, mas que ressalta e é consolador verificar numa grande cidade como Lisboa. Pena que não pudessem estar presentes os previstos excursionistas do nosso Carapito. Ficará para o próximo ENCONTRO, não é?

Uma "peça" de AFONSO TENREIRO

cantinho do leitor

HOMEM

SERRA

Nasci aqui, aqui vivo. Sou um homem rude

mas honesto.

Talvez a vida não seja a responsável pelo meu destino de escravo, a contento de manias de certos mandões. Chamo-me António, mas aqui a malta da Terra só me conhece por Toino. São como eu, desgraçados, porque essa gente que manda, quando faz mal é para a maioria , o bem é só para alguns!

Aqui, valha-nos isso, somos todos unidos! Quando alguém precisa de ajuda, ajudamo-nos e é assim que tem de ser! Se não, ninguém se safa! . . .

Ai, este mundo! É uma pena! Podia ser tão lindo...

Em meio destas reflexões, o outro homem, o Francisco, associa-se à conversa do nosso

conhecido. - Eh! Toino, ouvi o que disseste e, real-mente, nunca tinha pensado nisso. Que achas se fôssemos reunir toda a malta da Terra e lhes

contásse-mos o produto das nossas reflexões?!
- Vamos a isso, Zé! Realmente, já que te-

mos as mãos na massa!...

Sem mais pensar, resolveram escolher um homem que soubesse falar e se dirigisse ao povo, interpretando assim os pontos de vista destes dois nossos amigos.

- O Tio Luís sabe falar - disse o Toino. - Vamos pedir-lhe que ponha ombros a esta tarefa de dizer à rapaziada o que se passa aqui na Terra. Quem manda é a gente! Assim foi. O Tio Luís estava a jantar quando estes homens se lhe dirigiram para por cobro à situação de gritante injustiça que se vivia na Terra. O Tio Luís concordou e os sinos repicaram

forte.

O povo não tardou a aparecer e, entusias-

ticamente, ouviram o tio Luís:

- Meus amigos, temos todos a nossa terrazita que nos dá o sustento. Porém, há pessoas que nos tiram os rendimentos que tanto nos cus taram a ganhar. Mas eles também não são, total mente culpados disso acontecer. Só o são, cada vez que, à custa do roubo, exploram o nosso trabalho, fazendo-nos pagar mais do que o esti pulado por lei, em produtos que não trazem pre ço marcado.

A voz deste campones era de tal maneira

empolgante, que atroava nos ares. No meio de tudo isto, uma voz ergueu-se do meio da multidão e grita:

- Corram com eles que são Comunistas! O ambiente até ali silencioso tornou-se tenso.

Como é normal, as opiniões dividiam-se.

- Corram com eles! - Vociferou de novo alguem.

-- Eles são contra a nossa religião. - Não, - ripostava outro, eles são tão cristãos como nós, e ainda que n não fossem não deveríamos desrespeitar-lhes a maneira de pensar!

Houve alguns momentos de confusão e dúvida na mente destes nossos amigos. Mas en breve. o mais eloquente dos nossos heróis, voltando-se para a multidão que o olhava com um misto de interrogação e desconfiança, exclamou:

Meus Amigos só Deus conhece o coração dos homens! Tenho-o ouvido muitas vezes dizer

ao nosso pároco!

O que nós queremes é o nosso e o vosso

bem mas, fundamentalmente, o dos nossos filhos!
Da interrogação, aquela gente passou à
certezada veracidade das palavras deste homem e exigiram às autoridades locais que dissessem à Câmara que o povo daquela Terra queria Justi ça; senão, ele próprio o faria por suas mãos. Amedrontados olhando a multidão com olhos

febris, os autarcas ali presentes prometeram que envidariam todos os esforços para dignifi-

car as eleições de que saíriam vitoriosos. V O povo saiu dali contente, vitoriando os nossos homens, mas as promessas então feitas não passaram de promessas e os factores tempo e memória, contribuiram, grandemente, para gorar a unidade daquele povo.

Os amigos de então foram agora vistos como demagogos, e as esperanças então depositadas nestes nobres desejos realizáveis, desvaneceram-se e mais miséria e sacrificios aguardavam este pobre povo, sem instrução nem unidade.

JOSÉ FRANCISCO MARQUES CASEIRO

- CARLOS PATXÃO -

TORNEIO "ENSAIO" FUTEBOL DE 5 EM AGUIAR DA BEIRA

- Depois da passagem à fase final do Tor meio, coube ao CCRC defrontar æ equipas: "O CO-LEGIO", "OS PICA-PEIXES" e a "PAMIFEX".

Nos dois primeiros encontros, a equipa do C.C.R.C., apesar das dificuldades conseguiu le var de vencida os seus adversários. De salientar a magnífica recuperação encetada no jogo com o "COLEGIO", pois o CCRC conseguiu 4 golos nos últimos 5 minutos da partida.

No último jogo da série que decidiria quem estaria na final, o CCRC jogou bastante mal per mitindo aos avançados da PANIFEX que fossem mar cando e sem soluções atacantes para alcançar a

desejada vitória.

O C.C.R.C. viu-se assim afastado da final do Torneio cabendo-lhe a disputa do 3º. lugar com a "FOTODESIL". CARAPITO perderia também es se jogo, mais pela falta de sorte do que a fal ta de determinação dos seus jogadores.



O 4º. lugar foi o prémio para o CCRC sen-do-lhe atribuída a Taça "CALXA GERAL DE DEPÓSI

Na final a "PANIFEX" venceu "SEQUEIROS" por 2-0,, conseguindo assim c. 1º. lugar do Tor neio. A equipa do CCRC e seus resultados:

CCRC - VARANDAS, TONINHO, ZÉ MANUEL, AKTUR, ZÉ, BELMIRO, SERTÓRIO, ALVARO E ROGÉRIO.

CCRC - 4 - COLÉGIO - 2 CCRC - 5 - PICA-PEIXES - 3 CCRC - 1 - PANIFEX - 3 CCRC - 1 - FOTODESIL - 2

CONSTRUÇÃO

da SEDE

do CCRC



85.100200 . TRANSPORTE Pernando da Cruz Caseiro 700\$00 85.800\$00

OFERTAS PARA O JORNAL

200\$00 Maria da Natividade 100\$00 Umbelina Almeida Dias 100\$00 Antonio Lourenço 50\$00 Fernando dos Santos Caseiro

PASSATEMPO

EMA alexandre ana José DiauEl SUSANA Meredada loselina antónio O IEBara SAbel _N___ sandra

ADA 4000

Preencha os espaços tracejados com letras de modo a formar nomes de pessoas.

DIVIRTA-SE!

(pedido)

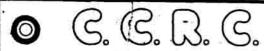
PEDE-SE AOS NOSSOS LEITORES CUJAS MO-RADAS NÃO ESTEJAM CORRECTAS, O FAVOR DE NO -LAS ENVIRGE CON AS RESPECTIVAS ALTERAÇÕES.





caté, cervejaria, bons petiscos!! * TELEVISÃO & CORES * - BM CARAPITO





inscreve-te como sócio!

* a tua quota é necessária *

PRIMAVERA

A Noite cesson O Sol resplandeceu A Avezinha cantou A Flor desabrochou Uma janela se abriu Um menino nasceu... ...acoriou... ... olhou e riu.

ANA DE CASTRO

... Era a PRIMAVERA!

ASSINATURA

No último encontro do Caruspinus, realiza do no dia 7 de Junho, foi discutido e votado o problema do aumento da assinatura do Jornal.

Como todos sabem, o dinheiro das assinatu-ras mal chegava para a tipografia, dado que o nosso jornal é de pequena tiragem e, por isso, é tirado em fotocópia. Ora estas são muito caras. A acrescer há ainda a dactilografia, o cor reio, a embalagem e muitas outras pequenas des pesas que seria fastidioso enumerar, mas que se

têm de fazer em quase todos os números.
Têm-nos valido os nossos leitores e amigos que, de vez em quando, fazem o seu donativo pa

ra o jornal.

No entanto, não podíamos continuar sujeitos à incertega da boa-vontade dos nossos lei-

Assim, falou-se no problema e as pessoas presentes concordaram em que as assinaturas so fressem um aumento de 50\$00.

Deste modo, o preço da assinatura para o próximo ano passa a ser o seguinte:

CONTINENTE....200\$00 ESTRANGEIRO...250800

Os assinantes de Carapito passam a pagar também 200\$00, dado que o jornal lhes é enviado também pelo correio, deixando, por isso, de ser vendido avulso. Quem mora em Carapito e quiser receber o jornal deve, pois, fazer a sua assinatura.

A renovação da assinatura é feita no Verão dado o grande número de Carapitenses que nos visita. Pode ser paga em Carapito aos nossos colaboradores (António José Paixão Lopes, Carlos Afonso Paixão Lopes e Maria Josefina Lopes Marques). Para os que o desejarem - e nós preferimos este metodo - é favor mandarem vale de correio ou cheque, do montante respectivo, para a Direcção do Jornal.

O Jornal de Outubro já está englobado na assinatura para o próximo ano. Ficamos à espera que não se esqueçam os nossos conterrâneos e amigos de removar a assi natura o mais rapidamente possível.

COLABORA, ANGARIANDO ASSINATURAS

A Direcção.

SABIA QUE.

O papel mata-borrao foi inven tado por acaso por um operário negligente. Aconteceu no século passado, numa fabrica inglesa de papel. Em operário esqueceu-se de lançar na cuba, onde prepara-va a pasta, a quantidade usual de goma. Quando o dono da fabri ca deu por isso era tarde.O empregado foi afastado do serviço e o papel deficiente foi abandonado para um canto do pátio da fábrica. Foi ali que, pouco tempo depois, durante uma chuva providencial, se verificou que o papel desprezado absorvia as gotas de água. O fabricante apressou--se a lançar no mercado esse papel de propriedades absorventes. A história não regista o nome do operário e também não nos diz se o mesmo foi readmitido ao serviço, Mas depois do sucesso alcan-çado quem é que teria dúvidas num final moral!